

SER PAI NA ADOLESCÊNCIA: ALGUMAS CONSTATAÇÕES¹

TO BE FATHER IN ADOLESCENCE: SOME FINDINGS

Maria das Dôres Saraiva de Loreto²
Caroline Silva Almeida Benini³
Karla Maria Damiano Teixeira⁴
Adrielle Schmidt⁵

1. RESUMO

Objetivou-se, com este estudo, lançar um olhar analítico sobre jovens adolescentes em um momento importante de suas vidas: a vivência da paternidade. Nesta pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou-se a entrevista semiestruturada com 15 jovens, residentes em Rosário da Limeira, Minas Gerais, que haviam sido pais no período de 2007 a 2010. Os resultados mostraram uma sobreposição de sentimentos com a gravidez, com predomínio da felicidade. Apesar de a maioria se sentir feliz, os adolescentes enfrentaram uma série de dificuldades ao se tornarem pais, pois assumiram novas funções, responsabilidades e sociabilidades, o que envolve mudanças nos projetos pessoais, em busca de melhoria da renda para o sustento familiar. Concluiu-se que, em razão do contexto e das interações, o jovem pai transita preferencialmente no espaço público, configurado na pessoa do “pai provedor”, com menor participação no cotidiano familiar e no cuidado dos filhos, reforçando os papéis estereotipados de gênero, veiculados pela cultura.

¹ Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da 2ª autora, tendo recebido apoio da FAPEMIG e do CNPq.

² Economista Doméstica, Professora Associada do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. Pós-Doctor em Família e Meio Ambiente. E-mail: mdora@ufv.br .

³ Economista Doméstica, Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: caroline.benini@ufv.br .

⁴ Economista Doméstica, Professora Associada do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. Ph. D. Ecologia Familiar. E-mail: kdamiano@ufv.br .

⁵ Graduanda em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: adrielle.schmidt@ufv.br .

Palavras-chave: Adolescente. Paternidade. Constatações.

2. ABSTRACT

This study aimed to set an analytic vision on young adolescents at an important time in their lives: the experience of parenthood. The qualitative research made use of semi-structured interviews with 15 young residents in Rosario da Limeira, MG, who had been fathers in the period from 2007 to 2010. The results showed an overlap of feelings about pregnancy, with a predominance of happiness. Although most feel happy about pregnancy, the adolescents faced a set of difficulties to become fathers, with new roles, responsibilities and sociability, involving changes in personal projects, in search of better income for familiar maintenance. We conclude that, depending on the context and interactions, the young father transit preferably in public space, configured in the person of “provider father”, with less participation in everyday family and childcare, reinforcing gender stereotypical roles, vehiculated through culture.

Keywords: Adolescentes. Parenthood. Findings.

3. INTRODUÇÃO

A família brasileira tem passado por diversas transformações em sua estrutura, suas funções e nas relações ou formas de sociabilidade de seus membros. Entre as mudanças que permeiam o universo familiar contemporâneo, a liberdade sexual reprodutiva e, conseqüentemente, a maternidade e paternidade precoce encontram-se em destaque.

Segundo informações do DATASUS (SUS, 2012), a ocorrência de gravidez na adolescência tem aumentado no País. Estima-se que 20% dos partos sejam realizados em mulheres com até 19 anos de idade e 37% das internações de mulheres, entre 10 e 19 anos, são em decorrência de gravidez parto e puerpério. Por outro lado, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), citada por Villela e Doreto (2006), ressalta que 32,8% dos jovens brasileiros entre 12 e 17 anos já iniciaram sua vida sexual, sendo 61% destes rapazes e 39% moças, como destacado pelas autoras:

A dinâmica das relações de gênero impõe às moças o recato em relação ao sexo, enquanto que, para os rapazes, é esperado que não haja muito pudor ou

embaraço em relação ao tema. Tal descompasso de expectativas nem sempre corresponde às vivências individuais, mas dificulta o diálogo aberto sobre sexo e o compartilhamento de estratégias para que o início da vida sexual não traga surpresas desagradáveis (VILLELA; DORETO, 2006, p.2469).

Há, portanto, uma forte pressão social para que a atividade sexual dos rapazes aconteça mais precoce e intensamente, a fim de que eles sejam diferenciados do feminino e considerados adultos, cabendo principalmente às mulheres a responsabilidade para com a relação entre sexualidade e gravidez, o que reitera a lógica de gênero e mostra trajetórias singulares para rapazes e moças (CASTRO *et al.*, 2007)

Assim, em função dos campos^{6/} de vivências e de seus valores culturais, os coeficientes de fecundidade dos adolescentes podem ser diferenciados. Segundo Villela e Doreto (2006), para algumas jovens, pobres e pouco escolarizadas, convivendo com apelos de consumo e percebendo-se apartadas das possibilidades de acesso a ele, talvez a gravidez não seja um problema e sim uma solução, ou seja, um meio de aquisição de identidade e função social.

Nesse contexto, como ressaltam Moreira *et al.* (2008), vê-se na contemporaneidade o exercício da sexualidade começando cada vez mais cedo, impulsionado por fatores socioculturais e midiáticos, que levam os adolescentes a ingressarem rapidamente na vida adulta, mesmo não estando preparados psicologicamente.

Assim, a variabilidade do contexto social pode induzir a mudanças de valores e padrões de comportamento, que têm relação, por exemplo, com virgindade, maternidade, paternidade, relações conjugais e sociais, traduzidas em novas concepções, o que tem influenciado os jovens para que vivam a sexualidade cada vez mais cedo, ainda na adolescência. Muitas vezes iniciam a vida sexual sem ter acesso a informações concernentes às implicações de uma vida sexualmente ativa.

A adolescência é o período compreendido entre 10 e 19 anos, sendo caracterizado por uma nova interação do sujeito consigo mesmo e com seu meio social (OMS, 2012). Segundo Scabini e Ranieri (2011), representa uma transição crítica no desenvolvimento do indivíduo, uma passagem fundamental no percurso do crescimento,

^{6/} Como discute Bourdieu (2005), a dinâmica social acontece no interior de um campo, cuja estrutura é dada pelas relações de força entre os agentes sociais e as instituições.

no sentido de assumir tanto papéis e responsabilidades, quanto novas inserções sociais na vida adulta. Os autores ainda salientam que essa fase é reconhecida como:

Um período grandes mudanças e contínuas transformações nos níveis físicos, comportamental, emocional, cognitivo, e relacional que requerem do adolescente novos sentimentos à imagem de si que tinha na infância. (...) requer a mentalização do corpo, a transformação das relações com os pais, a inserção no grupo de pares, o início de relações sentimentais, a aquisição de novas competências. A realização desses objetivos é inevitavelmente atravessada por conflitos, no mundo interno e externo (SCABINI; RANIERI, 2011, p.169).

Os conflitos desse ciclo da vida podem ser intensificados quando conjugados com uma situação de gravidez, pois são dois eventos que, juntos, envolvem complexas transformações, intensificando emoções e acontecimentos para os quais a maioria dos jovens não se encontra preparada. Além disso, a gestação geralmente representa para os adolescentes a interrupção do seu processo de formação e incerteza de apoio familiar e social, ou seja, a maternidade e paternidade precoce impõem novas demandas familiares, educacionais e laborais, além daquelas próprias da adolescência.

Brasileiro *et al.* (2010) ressaltam que a transição para a parentalidade é um evento de importância fundamental no desenvolvimento de homens e mulheres, pois há uma modificação na rotina de vida do casal, no compartilhamento e manutenção do lar e, principalmente, na responsabilidade por um novo ser, dependente de cuidados e atenção. Nesse processo, tanto a adolescente quanto o jovem se sentirão atormentados por uma miscelânea de novos sentimentos, dúvidas e inseguranças em relação a saber lidar com o processo gravídico e a enfrentar as novas situações pós-parto.

Nesse cenário, segundo os autores, é comum o suporte formal/informal de redes sociais – psicológica, moral, estrutural, financeira –, que não se incide de forma paritária entre homens e mulheres, pois ao longo da história tem sido criada uma rede de apoio à gestante, considerada a responsável pela sobrevivência e criação das novas gerações, enquanto ao homem é destinada a busca do sustento, no espaço público. Entretanto, modificações socioculturais, políticas e econômicas da sociedade têm levado a um reposicionamento dos homens nos diferentes espaços e contextos sociais, com funções não apenas de provedor.

Brasileiro *et al.* (2010) e Cervený e Chaves (2010), dentre outros, defendem a paternidade participativa, questionando cenários culturais deterministas, fixos, como os que contextualizam divisões sexuais tradicionais, em que o homem é representado apenas como provedor, aquele estabelece limites e impõe autoridade. Essa paternidade tradicional, na visão dos autores, tem se tornado fragilizada, principalmente com a entrada da mulher no mercado de trabalho.

Nesse sentido, estudos com o intuito de analisar essas vivências e suas implicações na vida dos adolescentes têm sido desenvolvidos. Segundo Bittelbrunn e Castro (2010), no caso específico da paternidade, as discussões iniciaram no Brasil nos anos de 1980, enfatizando não somente a responsabilidade do homem no exercício de ser pai, mas também suas relações com o espaço privado ou na divisão das tarefas domésticas.

No entanto as pesquisas, além de limitadas^{7/}, estão longe de ser conclusivas e lineares, o que justifica o estudo em questão, que tem como objetivo examinar as percepções dos adolescentes sobre “ser pai”, considerando suas vivências e implicações.

Com base em Brasileiro *et al.* (2010), pressupõe-se que o posicionamento dos jovens no exercício da paternidade está na dependência da cultura, que são valores, significados e aprendizados historicamente construídos e continuamente negociados nos processos de interação, considerando que o sujeito não os internaliza de forma passiva através das gerações, mas se apropria deles de forma criativa e os transmite de maneira singular, por meio da linguagem. Entretanto, “ainda há uma forte tendência para apontar o pai como provedor/espaço público e a mãe como cuidadora/ espaço privado” (BRASILEIRO *et al.*, 2010, p. 148).

Considera-se que este debate pode contribuir para análise do papel do pai no seio das famílias, que devem ser vistas pelos dirigentes políticos e do âmbito judiciário em sua rede de relação de afeto e proteção.

4. OBJETIVOS

^{7/} Pesquisas sobre maternidade chegam a ser três vezes mais encontradas do que estudos sobre paternidade (LEVANDOWSKI, 2001).

O objetivo deste estudo foi analisar o fenômeno da gravidez na adolescência no município Rosário da Limeira, MG, examinando-se a percepção dos adolescentes sobre “ser pai”, por meio de suas vivências e implicações.

5. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura centrou-se no tema “Adolescência, sexualidade e gravidez”, por considerá-lo importante para a discussão dos resultados, considerando os objetivos propostos.

5.1 Adolescência, Sexualidade e Gravidez

A adolescência é um período de mudanças ocasionadas por sua especial sinergia de fatores biológicos, psíquicos, sociais e culturais. Nessa fase, o jovem se vê d novas relações com a família, com o meio em que vive, consigo mesmo e com os outros adolescentes (FERREIRA, [s.d.], *apud* CAVASIN; ARRUDA, 2012).

Para Rosado (1998):

(...) o termo adolescência vem do latim “adolescere” que significa crescer. Crescer deve, contudo, ser entendido não apenas como aumento da massa corporal (crescimento físico), mas também desenvolvimento psíquico e ajustamento social do ser humano. É nessa fase que se processam mudanças rápidas e de grande magnitude. Entre essas, o desenvolvimento da capacidade reprodutiva, que prepara o jovem para a vida adulta.

De acordo com Piza (2012), a começar pela própria origem da palavra “adolecer”, a adolescência tem sido conceituada como uma fase difícil, uma etapa de “crise” a ser superada, em que se observa um comportamento instável, ora agressivo, ora melancólico. Nesse mesmo sentido são os comentários de Caridade (1999) e de Benute e Galleta (2002), que consideram que na adolescência o jovem passa por uma crise de identidade, crise relacional, crise familiar, crise de autoestima e de falta de sentido para a vida. É, enfim, um estágio atravessado por conflitos, dúvidas e inquietações, quando ele busca encontrar suas próprias respostas e motivações para vida, procurando compreender quem é e o que quer, de acordo com as variáveis do seu

meio ambiente de convivência, que funcionam como mediadoras do processo de crescimento e desenvolvimento.

Em meio a todas essas mudanças é comum que a adolescente vivencie conflitos e inseguranças em lidar com o corpo e com a própria sexualidade. A sexualidade é uma característica humana, sendo complexa e diversa em termos das diferentes formas de manifestação individual e social. A sexualidade vivida pelo adolescente ganha feição no contexto social e cultural em que ele está inserido, sendo definida pela linguagem e pelos valores vigentes em cada época.

Segundo Montenegro (1994), a vida sexual ativa e a falta de informações sobre sexualidade expõem os adolescentes a riscos, como adquirir doenças sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada ou indesejada.

Rocheblerve-Spinle ([s.d.]), citado por Adamo (1987), enumerou alguns usos ou funções derivadas que a sexualidade pode ter na adolescência: a) necessidade de valorização: muitos adolescentes tem o sentimento de autoestima muito prejudicado, necessitando adquirir segurança e apoio nas relações pessoais e “ser apreciado como objeto sexual é o único meio de se sentir valer alguma coisa”; b) medo de não ser normal ou necessidade de seguir padrões assumidos pelo grupo de referência, para sentir que pertence a esse grupo; c) motivações de defesa: os adolescentes, com muito medo da atividade sexual, podem precipitar a atuação sexual; d) oposição aos pais: as condutas sexuais podem, muitas vezes, representar a forma que o jovem encontra de se rebelar e atacar os pais, mesmo que inconscientemente; e e) curiosidade, que impele o adolescente a tentar conhecer, por si mesmo, aquilo de que tanto se fala, o que, no entanto, pode levar à gravidez.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012) considera a gravidez precoce um problema social, tanto por ser um fator limitante e de impedimento ao desenvolvimento social e educacional da adolescente, quanto pela sua associação à maior morbidade e mortalidade nessa faixa etária. No Brasil, assim como em muitos países, a gravidez na adolescência é considerada problema de saúde pública, pois interrompe o processo normal de desenvolvimento da adolescente e onera o poder público, pelo aumento de esforços e recursos em programas e serviços que atendam às demandas das adolescentes grávidas.

A gravidez na adolescência emerge como problema e risco social a ser evitado, pelo fato de que rompe com a trajetória socialmente concebida como natural de desenvolvimento da adolescente, que prioriza a atividade escolar e a preparação profissional, em um contexto de dependência econômico-familiar (CAVASIN; ARRUDA, 2012). Assim, a gravidez na adolescência pode ser, muitas vezes, inesperada ou indesejada pela adolescente e pela família, que associam o fenômeno à independência econômica, maturação profissional e casamento.

Quanto às implicações da gravidez precoce, Maldonado (1997) destaca que a vinda de uma criança de maneira inesperada gera uma alteração radical na vida dos adolescentes, que deixam ou adiam algumas atividades próprias das suas idades, e passam a assumir compromissos para os quais ainda não estão preparados. Nesse mesmo sentido, Moreira *et al.* (2008) salientam que a adolescente grávida vive uma situação conflituosa pelo seu despreparo para assumir o papel materno, porque necessita dividir seu tempo entre o cuidado da criança e o de si própria, como também tem de buscar uma nova identidade, que envolve os processos de desenvolvimento físico, emocional, familiar e social, associados ao papel de mãe.

Além disso, como destacam Lima *et al.* (2004), as reações da família diante da gravidez inesperada tendem a ser contraditórias, sendo comum a sobreposição dos sentimentos. No início, a rejeição à gravidez e o constrangimento podem levar a família a tomar atitudes radicais, como expulsar os adolescentes de casa, induzir ou forçar o aborto e impor determinados comportamentos e responsabilidades, exigindo o casamento ou a união estável e a assunção da maternidade. Pode ocorrer, ainda, uma negociação em torno de quem vai assumir a criança/gravidez; se o próprio pai ou a mãe da criança, seus avós maternos ou qualquer outro parente que se responsabilize por ela. Por outro lado, segundo Campos e Morais (1986), geralmente o rapaz não assume a gravidez da jovem, fazendo com que todas as dificuldades e responsabilidades acabem recaindo sobre a jovem mãe e sua família.

Entretanto, mesmo diante das implicações negativas do fenômeno da gravidez precoce, este tem aumentado paulatinamente. Segundo dados do IBGE (2005), as taxas de fecundidade total da população têm diminuído, mas para mulheres com idade entre 10 e 19 anos, faixa etária em que está compreendida a adolescência, a realidade não é a mesma, uma vez que entre 2004 e 2005 foi registrado o aumento de 16,39% na taxa de

gravidez, principalmente de meninas residentes em áreas rurais, com até sete anos de estudo e com baixa renda. Como comentam Silva e Salomão (2003), esse aumento é derivado de diversos fatores:

Alguns fatores contribuem para a ocorrência da gravidez na adolescência, como: falta de acesso a métodos contraceptivos e de informação sobre sexualidade e sobre o próprio corpo; ausência dos pais e/ou vontade de contrariá-los; alternativa para sair de casa ou da escola; pensamento mágico de que a gravidez não vai acontecer; tentativa de prender o namorado; testar a feminilidade; carência afetiva e desejo de ser mãe (SILVA; SALOMÃO, 2003, p.136).

Por outro lado, na visão de Setton (2002), no mundo contemporâneo vive-se com uma variedade crescente de instituições produtoras e promotoras de saberes, valores e comportamentos. Observam-se o ritmo das mudanças tecnológicas, o questionamento das instâncias de referências e as transformações na construção das experiências individuais. Ou seja, a coexistência de distintas e interdependentes instâncias de socialização configura um campo híbrido e diversificado de referências e padrões identitários, fazendo com que as percepções, escolhas e ações sejam constantemente reformuladas à luz de novas informações. Assim, o caráter transitório das relações, dos papéis e das instituições sociais pode levar à maior liberdade de ação dos indivíduos, como é o caso da liberdade reprodutiva, pela falta de um eixo estruturador único (família, escola e/ou cultura de massa) e pela circularidade das referências.

Nesse contexto, como ressalta Fontes (2002), a gravidez na adolescência pode ser considerada multicausal, estando relacionada a uma série de aspectos, que podem ser agrupados em: a) fatores de ordem biológica, associados com a precocidade da menarca até o aumento do número de adolescentes na população geral; b) fatores de ordem familiar: o contexto familiar tem relação direta com a época em que se inicia a atividade sexual. Geralmente, as adolescentes precoces vêm de famílias cujas mães também engravidaram durante a adolescência; c) fatores sociais: as atividades individuais são influenciadas tanto pela família quanto pela sociedade, que tem passado por profundas mudanças em sua estrutura, inclusive aceitando melhor a sexualidade na

adolescência, sexo antes do casamento e, também, a gravidez precoce. Tem-se constatado a redução dos tabus, das inibições e dos estigmas e, conseqüentemente, o aumento da atividade sexual e do número de gravidezes; e d) fatores psicológicos e contraceção: geralmente a adolescente nega a possibilidade de engravidar quanto menor for sua faixa etária, considerando que o encontro sexual é eventual, não se justificando o uso cotidiano da contraceção.

Nesse sentido, a literatura aponta para a natureza multidimensional da gravidez na adolescência, bem como para suas repercussões na vida dos jovens, que podem ocorrer de forma diversa, dependendo do contexto sociocultural em que estes se inserem.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos, utilizou-se o modelo de investigação exploratória, por proporcionar, como ressalta Gil (2010), maior familiaridade com o problema e ser extremamente flexível. O método usado neste estudo foi a análise qualitativa de dados sobre a vivência da paternidade, tendo sido realizadas entrevistas semiestruturadas com 15 adolescentes, contendo questões sobre as reações dos jovens e suas respectivas famílias em face da gravidez e das repercussões na vida cotidiana.

O local de estudo foi o município de Rosário da Limeira, situado na Zona da Mata mineira, cuja população é de 3.896 habitantes, sendo 57% deste total residente na área rural. A base da economia da cidade é a agricultura, principalmente a produção cafeeira (MINAS GERAIS, 2012). De acordo com os dados coletados na Secretaria de Saúde Municipal, o índice de gravidez na adolescência, em 2006, foi de 19,05% do total de mulheres grávidas, o que corresponde à média observada no Brasil, estimada em cerca de 20% do total de partos.

A população de entrevistados desta pesquisa foi constituída por pais de filhos de mulheres com idade até 19 anos, que tiveram filho até o fim do ano de 2010. Para tanto, foi feito um levantamento na Secretaria Municipal de Saúde de Rosário da Limeira, constatando-se que o número de adolescentes que tiveram pelo menos um filho, entre 2007 e 2010, foi de 24 mães (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição da população e amostra entrevistada, conforme o ano do parto, Rosário da Limeira, MG, 2010

População e Amostra de Adolescentes	Ano do Parto da Adolescente				
	2007	2008	2009	2010	Total
Número total de mães adolescentes	8	9	4	3	24
Número de pais adolescentes entrevistados	4	8	1	2	15

Fonte: dados da pesquisa.

Com base nessa população, definiu-se que se trabalharia com a totalidade dos pais dos filhos dessas mães adolescentes. Porém, diante de mudanças, falecimento ou não disposição em participar da pesquisa, foram realizadas 15 entrevistas, que representaram 62,5% do universo populacional.

As questões da entrevista de natureza qualitativa foram realizadas com base em um roteiro pré-testado, com os seguintes questionamentos: a) qual foi sua reação diante da notícia da gravidez, bem como da sua família; b) o que mudou na sua vida após se tornar pai, em termos de novas funções, responsabilidades e sociabilidades, ou seja, que tipo de relacionamento tem mantido com a mãe da criança após o nascimento do filho; e c) quais foram as mudanças na vida cotidiana familiar e em seus projetos de vida.

Para análise dos dados, fez-se uso da análise descritiva sobre as experiências de vivência da paternidade, considerando os depoimentos dos adolescentes.

Todos os sujeitos da pesquisa leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que é sua autorização para a participação neste estudo. Buscou-se respeitar os preceitos do sigilo, dos riscos e benefícios, da voluntariedade e do consentimento pós-informado, que são requisitos do Conselho Nacional de Saúde para pesquisas com seres humanos, expostos na Resolução 196/96, não expondo os sujeitos do estudo (foram utilizados nomes fictícios para todos os participantes).

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

7.1 Percepção dos adolescentes sobre a vivência da paternidade

Para a maioria dos adolescentes, principalmente do meio rural, a descoberta da gravidez das adolescentes e a chegada dos bebês trouxeram felicidade (86%), mesmo que tivesse sido uma surpresa; enquanto para uma pequena parcela dos pais (7%) a notícia da gravidez trouxe um sentimento de pânico; e os demais (7%) afirmaram ter ficado chateados.

Especificamente para os jovens residentes na área urbana, apesar de o grau de satisfação ter sido menor (64%), a gravidez era algo desejado, tanto pelo jovem quanto pelo casal, apesar de existir a preocupação de que haveria mudanças na rotina de vida, como pode ser evidenciado nas seguintes falas:

“Ah, eu fiquei feliz, porque eu falava com minha mãe que eu queria ser pai[...]” (Renan).

“Fiquei muito feliz, né?, que era o que a gente queria” (Paco).

“[...] eu achei bom demais, só que deixa a gente meio acostumado que não tem costume, sabe que todo o hábito da gente vai mudar[...]” (Alan).

Acredita-se que parte dessa reação de felicidade possa estar associada ao fato de que, no momento da gravidez, 66% dos adolescentes afirmaram estar casados, ou seja, apenas 44% estavam namorando. Entretanto, após a gravidez, todos os solteiros foram morar com as adolescentes ou se casaram. Assim, o casamento aparece como imposição aos adolescentes, isto é, como uma tentativa frustrada de regularizar ou mesmo de amenizar a situação da gravidez fora do contexto de casamento, que possui um significado negativo para as famílias, como uma “situação de vergonha”, principalmente para as adolescentes.

Essas normas sociais, segundo Bourdieu (2009), impõem determinado comportamento e ações, que muitas vezes anulam a própria pessoa, representando uma forma de violência simbólica, que se torna naturalizada no campo das relações, principalmente pelos estereótipos de gênero, situações de poder e dominação.

Atualmente, 18% dos entrevistados não vivem com a adolescente na mesma casa e nem mantêm nenhum tipo de relacionamento afetivo com ela. As separações

ocorreram, segundo os relatos, porque não havia mais ligação afetiva entre o casal. Constatou-se que a minoria (9%) mantém relacionamento amoroso com a adolescente, mas não mora junto.

Os dados também evidenciaram que, para os adolescentes do meio urbano, os sentimentos experimentados com a gravidez não foram de felicidade, mas de surpresa e de chateação (18%), bem como de preocupação e pânico (18%), como relatado nos depoimentos a seguir:

“Fiquei surpreso e meio chateado” (Marco).

“Apavorado, eu estava estudando[...] aí, eu falei vou rapar fora, aí depois eu voltei de boa, pensei[...]” (Ruan).

Reconhece-se, assim, que em torno de 27% dos jovens tiveram que mudar seus projetos de vida, como é o caso do abandono dos estudos. Como destaca Maldonado (1997), a gravidez faz com que os adolescentes deixem ou adiem algumas atividades próprias da sua idade para assumir novos compromissos, com reflexos no desenvolvimento social, emocional e físico.

Outra questão examinada está associada à reação dos familiares. No caso das famílias dos pais das crianças, 74% disseram que suas famílias de origem gostaram e apoiaram a gravidez da adolescente; outros 12% disseram que os pais ficaram bravos, mas que, mesmo assim, deram apoio a eles; 7% disseram que a família não gostou; e 7% não se lembraram da reação dos pais.

Segundo Lima *et al.* (2004), as reações da família diante da gravidez tendem a ser contraditórias. É muito comum a sobreposição dos sentimentos, envolvendo surpresa, revolta, irritação e aceitação do "inevitável", como pode ser observado na seguinte fala:

“Minha mãe me amava demais, quando eu falei ela ficou meio balançada, o medo dela era que eu não estivesse preparado, mas eu falei que estava preparado, ela me abraçou e me apoiou. Não gostava muito da nora não[...]” (Caio).

Na visão de Maldonado *et al.* (1996), “a maioria das famílias não orienta os rapazes para a paternidade responsável”. Assim, são inquietantes as posturas relacionadas à “assimetria de gênero”, quando se responsabiliza a menina ou ela mesma se responsabiliza totalmente pela gravidez, chegando o menino afirmar que não tem nada a ver com a história, por que “quem deve prevenir é a mulher”, ou “como é que eu vou saber se o filho é meu” (CAVASIN; ARRUDA, 2012).

Quando questionados a respeito das mudanças que a gravidez trouxe no relacionamento com as esposas ou namoradas, apenas 18% afirmaram que não houve mudanças, justificando que o tempo que tinham antes para se dedicar à esposa, ao trabalho e ao lazer continua o mesmo após o nascimento de seus filhos. Ou seja, 82% reconheceram que o nascimento da criança reflete no relacionamento do casal. Para metade destes, o relacionamento com a adolescente melhorou, pois eles passam mais tempo juntos, portanto existe mais afetividade, como relatado:

“Uai, eu acho que mudou assim, um pouco pra melhor porque, antigamente quando nós não tinha filho, assim, tipo assim, nós namorava esse negócio assim, tipo assim, há, eu não esquentava cabeça se hoje ela fosse embora, pra mim, eu não estava nem ai, entendeu, por que tipo assim, era namorado, agora depois que eu tive filho com ela, tipo assim, eu me apeguei mais a ela e tipo assim, tem um amor com a menina então” (Ruan).

“Pra melhor. Pra mais carinho, que já são três pessoas na família é o fruto meu e dela[...]” (Marcos).

Por outro lado, para outros 44% adolescentes, o relacionamento entre eles e as adolescentes piorou, principalmente pelas exigências e responsabilidades da vida de casado; para o restante (6%), hoje estão mais nervosos do que antes da chegada do bebê.

“Nossa, a vida a dois muda tudo, né? Se você está namorando, passa a raiva, você vai pra casa. Agora, brigou dentro de casa tem que aturar uma ao outro, [...] Dorme junto, ainda virado e menino chora, aí nela não levanta de pirraça, faz a gente levantar e é complicado[...] Convivência a dois é difícil mesmo, às vezes tem que andar pra lá senão briga mesmo, não tem jeito” (Darlan).

“Ah, mais nervoso” (Tarço).

Em relação às responsabilidades assumidas em função da gravidez, constatou-se que 27% dos adolescentes começaram a trabalhar, pois anteriormente apenas estudavam; 47% permaneceram no mesmo emprego e com a mesma renda; enquanto 20% dos pais mudaram de trabalho, em busca de melhoria de renda para o sustento familiar; e 6% decidiram investir em negócio próprio, como pode ser observado nas seguintes falas:

“Tive que arrumar um emprego [...]” (Marcos).

“A gente teve que mexer com negócio de *lan house*. Teve que começar a mexer, investir na *lan house* pra trabalhar, porque estavam bem difíceis as coisas antes” (Breno).

Brasileiro *et al.* (2010) relacionam a paternidade à mudança de posicionamento diante dos projetos pessoais, exigindo-se aprimoramento das capacidades e investimentos em busca de maior renda para provisão financeira do lar. Essa visão é compartilhada pela Organização Pan-Americana de Saúde (2011), que associa a paternidade precoce com a maior frequência de abandono dos estudos, à sujeição a trabalhos de acordo com as oportunidades, à prole mais numerosa e à maior incidência de divórcios. Os dados deste estudo seguem essa tendência, visto que alguns adolescentes tiveram de abandonar os estudos para ingressar no mercado de trabalho; outros, principalmente com mais de um filho, tiveram de buscar outra ocupação mais rentável, como pode ser evidenciado na seguinte fala:

“Do primeiro eu tive que começar a trabalhar [...] do segundo aí eu tive que arrumar um emprego melhor, porque família é caro e onde eu trabalhava eu ganhava um salário mínimo só, aí tive que mudar de emprego pra ficar numa situação melhor, pra melhorar pra gente, né?, porque a gente morava na casa de um tio dela, numa casa pequena[...]” (Darlan).

Além das mudanças relacionadas ao trabalho, discutiu-se a vida cotidiana familiar, em especial, do cuidado dos filhos e da casa. Constatou-se, conforme percepção do adolescente, que a gravidez trouxe maiores mudanças para a vida da

menina do que para si próprio, porque ela, mãe do segundo filho, não viveu uma etapa de sua vida como as demais adolescentes, dizendo que:

“[...] por ela ser nova né, perdeu a vida de adolescente todinha[...]” (Darlan).

Reconhece-se, assim, um pai adolescente menos participativo que sua esposa no cuidado do bebê e da casa, o que não condiz com a lógica da complementaridade do “novo pai”, defendida por Brasileiro *et al.* (2010), como uma forma mais afetiva e efetiva de estar presente no cotidiano familiar e no cuidado dos filhos. Foi possível perceber, no estudo em questão, que o jovem pai transita preferencialmente pelo espaço público para viabilizar a manutenção do lar, segundo a lógica tradicional da divisão sexual das tarefas.

8. CONCLUSÕES

As percepções do jovem adolescente sobre ser pai permitem concluir que o sentimento de felicidade experimentado com a descoberta da gravidez é sobreposto às dificuldades enfrentadas no exercício da paternidade, com as novas funções, responsabilidades e sociabilidades.

As relações parentais, configuradas na pessoa do “pai cuidador”, não foram observadas, pois coube ao jovem interromper projetos pessoais, como o abandono dos estudos e ingresso no mercado de trabalho, em busca do sustento financeiro familiar, enquanto a adolescente ficou responsável pelo cuidado da criança, do marido e do lar, apoiada por redes sociais familiares, preferencialmente na pessoa da mãe, avó e sogra, o que reforça a divisão cultural dos papéis feminino e masculino.

Assim, a exigência do homem como provedor, reforçada pela limitada inserção feminina no mercado de trabalho, segue a lógica própria da paternidade tradicional, que assegura principalmente ao adolescente a reprodução social e econômica da família, que, além de torná-lo menos participativo no cotidiano familiar e no cuidado dos filhos, influencia suas relações conjugais e sociais.

O comportamento das famílias dos adolescentes adiante da gravidez envolve sentimentos contraditórios, derivados do fato de que os rapazes não são preparados por

suas famílias para uma paternidade responsável, pelas próprias assimetrias de gênero. Enfim, pode-se concluir que as reações e os modos de agir do jovem adolescente em relação à gravidez e à paternidade estão vinculados à inserção social dos jovens e ao ambiente cultural de vivência.

As limitações deste estudo estão associadas à abrangência do processo amostral, devido à inexistência de um cadastro municipal que concentre informações a respeito dos nascimentos e dos dados da criança e de sua família, bem como à dificuldade de encontrar os locais de moradia dos adolescentes, principalmente aqueles residentes no meio rural.

Sugere-se que sejam feitos outros estudos, abordando as seguintes temáticas: a sexualidade vivida pelo adolescente no contexto social e cultural em que ele está inserido, ou seja, as influências da família, escola e/ou cultura de massa nesse fenômeno social; os projetos e trajetórias de vida dos adolescentes antes e após o nascimento do filho, sob uma perspectiva de gênero, vida pessoal, formação profissional e relações sociais dos(as) adolescentes, em termos das funções, responsabilidades e sociabilidades; a dinâmica do cotidiano familiar diante da gravidez e da paternidade precoce, considerando seu funcionamento e sua organização; e a avaliação das políticas de atendimento ao público infanto-juvenil e suas respectivas famílias, diante desse marco em suas vidas.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMO, A. F. *Juventude: Trabalho, saúde e educação*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

BENUTE, G. G.; GALLETA, M. A. Gravidez na adolescência: prevalência, ansiedade e ideação suicida. *Revista Assoc. Méd. Bras.*, v. 48, n. 3, p. 198-199, 2002.

BITTELBRUNN, E.; CASTRO, M. G. Sou pão! Reflexos sobre pais que educam/criam sozinhos seus filhos. In: MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, G.; BARBOSA, F. B. (Org.). *O pai na sociedade contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 2010. p. 225-238.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRASILEIRO, P. G. L.; PONTES, V. V.; BICHARA, I. D.; BASTOS, A. C. S. A transição para a paternidade e a paternidade em transição. In: MOREIRA, L. V. C.;

PETRINI, G.; BARBOSA, F. B. (Org.). *O pai na sociedade contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 2010, p. 145-165.

CAMPOS, M. M.; MORAES, M. L. Q. Introdução. In: BARROSO, C.; CAMPOS, M. M.; MORAES M. L. Q. de; COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C.; PINTO. R. P.; AZEVEDO, C. M. de; FERREIRA, N. P.; MARQUES, A. C. *Gravidez na adolescência*. Brasília: IPEA, 1986. p. 12-15.

CARIDADE, A. O adolescente e a sexualidade. In: *Caderno juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999. p. 206-211.

CAVASIN, S.; ARRUDA, S. *Gravidez na adolescência: desejo ou subversão?* Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/156_04PGM2.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2012.

CASTRO, M. G.; MIRANDA, M. B. S.; ALMEIDA, N. O. G. L. Juventude, Gênero, família e sexualidade. Combinando tradição e modernidade. In: BORGES, A.; CASTRO, M. G. (Org.). *Família, gênero e gerações: Desafios para políticas sociais*. São Paulo: Paulinas. 2007. p. 45-110.

CERVENY, C. M. O.; CHAVES, U. H. Pai? Quem é este? A vivência da paternidade no novo milênio. In: MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, G.; BARBOSA, F. B. (Org.). *O pai na sociedade contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 2010. p. 41-51

FONTES, D. G. S. *Reflexos da gravidez na adolescência no manejo dos recursos e qualidade de vida familiar*. 2002. 78 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2002.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Perfil das mães*. 2005. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br/home>>. Acesso em: 1º mar. 2012.

LEVANDOWSKI, D. C. Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. *Estudos de Psicologia*, v. 2, n. 6, p. 195-209, 2001.

LIMA, C. T. B. L.; FELICIANO, K. V. de O.; CARVALHO, M. F. S.; SOUZA, A. P. P. de; MENABÓ, J. B. C.; RAMOS, L. S.; CASSUNDÉ, L. F.; KOVACS, M. H. Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. *Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil*, v. 4, n. 1, 2004.

MALDONADO, M. T. DICKSTEIN, J.; NAHOUN, J. C. *Nós estamos grávidos*. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1996. p. 199-207.

MALDONADO, M. T. P. *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1997.

MINAS GERAIS. *Perfil dos municípios de Minas Gerais*. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/munmg/m56452.asp>>. Acesso em: 5 fev. 2012.

MONTALI, L. Arranjos familiares: o esforço coletivo para viver na Grande São Paulo. *Cadernos de Pesquisa*, n. 72, p. 58-61, 1990

MONTENEGRO, M. M. D. *Condutas sexuais e atitudes que constituem fatores de risco para gravidez não desejada e AIDS em estudantes universitários: um desafio para a educação sexual*. 1994. 67 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1994.

MOREIRA, T. M. M.; VIANA, D. S.V.; QUEIROZ, M. V. O.; BESSA JORGE, M. S. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Revista da escola de Enfermagem da USP*, v. 42, n. 2, p. 312-320, 2008.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Child and adolescent health and development*. Disponível em: <<http://www.who.int/child-adolescent-health/OVERVIEW/AHD/adh-over.htm>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

OPAS – ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. *La salud del adolescente y del joven*. Washington, D. C. OPS/OMS, 1995. Disponível em: <http://new.paho.org/bra/index.php?option=com_content&task=view&id=296&Itemid=422>. Acesso em: 10 abr. 2012.

PIZA, D. *Fomos todos adolescentes*. Disponível em: <<http://www.instadolescente.com.br/conesp5.htm>>. Acesso em: 6 fev. 2012.

ROSADO, E. F. P. de L. *Estado nutricional de gestantes adolescentes e sua relação com o peso do recém-nascido em Viçosa-MG*. 1998.158 f. Tese (Doutorado em Nutrição) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, 1998.

SCABINI, E.; RANIERI, S. Família com filhos adolescentes: A perspectiva relacional. In: MOREIRA, L. V. de C.; RABINOVICH, E. P. (Org.). *Família e parentalidade – Olhares da Psicologia e da História*. Curitiba: Juruá, 2011. p. 169-186.

SETTON, M. da G. J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, p. 61-70, 2002.

SILVA, D. V. da; SALOMÃO, N. M. R. A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. *Estudos de Psicologia*, v. 8, p. 135-145, 2003.

SUS – SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. *DATASUS*: Departamento de Informática do SUS. Disponível em: <<http://w3.datasus.gov.br/datasus/datasus.php>>. Acesso em: 1º mar. 2012.

VILLELA, W. V.; DORETO, D. T. Sobre a experiência sexual dos jovens. *Cad. Saúde Pública*, v. 22, n. 11, 2006.